



Blanca Li.

“A tecnologia liberta, convida à dança”

O Lisbon and Estoril Film Festival recebe “Robot!”, a nova criação da coreógrafa granadina, no próximo dia 18 no CCB, Lisboa

CAROLINA PELICANO FALCÃO
carolina.falcao@email.pt

Há cerca de três anos, a bailarina e coreógrafa nascida em Granada Blanca Li começou a questionar-se sobre o papel da tecnologia nos nossos dias. Habituada a metamorfosear pensamentos e afins em movimentos corporais, Li fez as malas e partiu para o Japão, provavelmente o epicentro do desenvolvimento tecnológico, para saber mais sobre o tema. Durante as duas semanas que lá passou encontrou artistas que trabalham com novas tecnologias e investigadores da robótica “pura e dura”, como nos diz. O resultado deste encontro resultou em “ROBOT!”, a sua nova criação (na gala de encerramento do LEFF), a adicionar a um currículo já longo, em que encontramos Li também como atriz, realizadora e autora das coreografias de videoclips de bandas como Daft Punk, Blur, Goldfrapp ou Beyoncé.

Como começou a dançar?

Na verdade comecei como ginasta, quan-

“Desde o início que sabia que queria ser coreógrafa. Quando comecei a dançar comecei a inventar”

“A tecnologia sempre me pareceu interessante principalmente para a criação. Quanto mais a conheço menos assusta”

do tinha 12 anos, na Equipa Nacional de Ginástica Rítmica. Depois, aos 17 anos, fui para Nova Iorque estudar dança para a escola de Martha Graham, onde fiquei cinco anos. Depois voltei para Espanha e só a seguir fui para França, onde vivo actualmente.

Mas foi só em Nova Iorque que teve o seu primeiro contacto com a dança ou já tinha começado em Granada?

Em Granada deixei a equipa de ginástica porque queria dançar. Já tinha começado a ter algumas aulas de dança antes de partir para os EUA, mas em Espanha nessa época não havia muita dança contemporânea.

O leque de estilos que dança é variadíssimo, do hip hop ao flamenco, passando pelo ballet clássico e pela dança contemporânea. Por qual começou?

Foi pela dança contemporânea. No tempo que estive em Nova Iorque vivia no Spanish Harlem e descobri outras danças, como o hip hop ou a dança africana. Depois pus-me também a estudar numa escola de circo. Mais tarde veio o flamenco, que estudei durante muito tempo. Na verdade estive sempre muito curiosa por todos os tipos de dança. Mas foi pela contemporânea que comecei, logo depois da ginástica.

O treino com que vinha da ginástica rítmica ajudou-a quando passou para a dança?

Muitíssimo. Foi muito bom ter começado pela ginástica, porque me deu todo um sentido de trabalho e uma resistência física que me ajudou muito na dança. Sobretudo isso, a capacidade de trabalho que dá a ginástica.

Há algum estilo que goste mais de dançar? Todos lhe dizem algo distinto?

Sim. Do que gosto é de dançar. Gosto de



todos os estilos porque cada dança tem uma energia própria e diferente e quando as vives todas te dão algo, todas têm algo interessante, todas têm algo que te move por dentro.

Ainda assim, há algum desses estilos com os quais se relaciona melhor, que têm mais a ver com a sua identidade?

Bom, aquele de que sempre gostei mais foi a dança contemporânea porque de certa maneira me dá muita liberdade de criação. E isso encanta-me completamente. A dança contemporânea é uma dança livre, que não tem nenhum código específico, como a maioria das outras danças, que têm códigos. A dança contemporânea é de facto aquela em que me sinto mais livre.

Como chegou depois à coreografia? Foi um processo gradual, que veio com o dançar?

Não, não. Desde o início que sabia que queria ser coreógrafa. Quando comecei a dançar comecei a coreografar, a inventar os meus próprios movimentos. As duas coisas foram sempre juntas.

Numa composição coreográfica, o que vem primeiro? O som e depois a coreografia? Ou seja, é, por exemplo, o som que inspira aos movimentos do corpo?

Nas minhas criações, a primeira coisa que

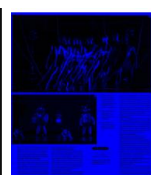
me surge na cabeça é a ideia daquilo que quero ver e sentir e daquilo que quero transmitir. Tenho uma ideia geral, com imagens muito fortes, muito concretas.

Mas consegue ver a coreografia antes de a concretizar?

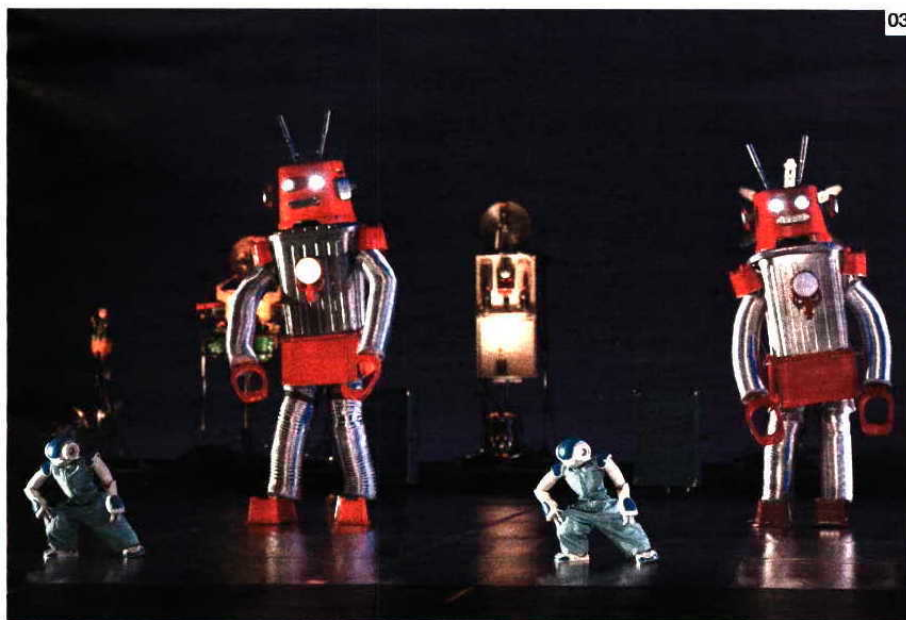
Sim, de uma maneira geral tenho essas imagens muito claras na cabeça. E depois, pouco a pouco, tenho de montar a maneira de chegar a visualizar realmente o que tenho na cabeça. Mas às vezes são caminhos muito longos até chegar a esse momento final.

E a música, quando começa a interferir neste processo?

A música é para mim uma coisa que chega mais no final deste processo. Muitas vezes trabalho as coreografias sem música e depois componho-a uma vez a coreografia feita. Trabalho com diferentes músicas, com diferentes ritmos, com coisas de que gosto mas que não são a música com a qual vou fazer o espectáculo. Só depois, quando a coreografia está feita, é que falo com um compositor e fazemos a música para a coreografia. Mas também já me aconteceu, depois de ter a coreografia feita, encontrar uma música que lhe cai na perfeição, ou mesmo trabalhar sobre uma



02



03

01 O percurso de Blanca Li passa pelos mais variados estilos de dança. Destaca-se também como actriz e realizadora

02 Não oferecendo respostas, o espectáculo é mais que uma reflexão

03 Em "Robot!", o palco será partilhado por bailarinos e máquinas

D.R.

com um artista japonês, o Maywa Denki, que inventou máquinas musicais. A ideia era criar um espectáculo que falasse do corpo e da máquina, e para isso usamos coisas de última tecnologia e sobretudo estes robôs, que são robôs de verdade, dos mais desenvolvidos que há. O espectáculo questiona até onde vai o novo mundo, pensando que as máquinas cada vez mais fazem parte de nossa vida.

Mas no espectáculos vamos ver máquinas no palco?

Todo o espectáculo está feito com máquinas. Em relação à música, por exemplo, temos uma orquestra que são máquinas que tocam. Ou seja, os nossos músicos são máquinas que tocam sozinhas. Também há os robôs no palco e todo está cheio de computadores. É um espectáculo em que tudo é como uma máquina.

Gosta da tecnologia?

Adoro, adoro a tecnologia (risos).

Não há nada nela que a assuste?

Não, não. E agora menos. Quanto mais se conhece uma coisa menos nos assusta. A tecnologia sempre me pareceu interessante principalmente para a criação, porque liberta, convida à dança, dá-te mais tempo para fazer mais coisas. Mas há que ter cuidado com o que te pode escravizar. É tudo isso que sai no espectáculo também. Até onde podem ir as máquinas e os seres humanos, onde estão os limites.

O espectáculo responde a estas questões? Não, não. É só uma reflexão.

De todos os espectáculos que fez, tem algum preferido?

Bom, todos para mim são especiais. Cada um representa um momento da minha vida, uma história, um momento. É muito difícil separar todas as coisas e escolher um eleito. É como teres vários filhos e perguntarem-te de qual gostas mais.

música de que tenha gostado muito e pensar "esta música, quero dançá-la". Mas em geral, em todos os meus espectáculos, toda a música vem depois.

Que mais a inspira para uma composição coreográfica, o que lhe dá vontade de a pôr em forma de dança?

Bom, são sempre coisas que estão condicionadas pela época, pelas coisas que vivo. Assim, o que me inspira de facto é o quotidiano, o que acontece nele. Sei lá, pode ser uma exposição, pode ser um livro, pode ser um encontro com alguém, algo que me ocorra durante o dia, pela rua, no aeroporto, numa viagem, podem ser as notícias que vi ou li. Enfim... Nun-

ca sei exactamente o que vai ser.

É uma forma de comunicar.

Sim. Sobretudo de falar sobre as coisas que a mim me interessam ou que me fazem sentir necessidade de expressar. No caso deste espectáculo, "ROBOT!", foi precisamente pelo quotidiano, sentir que cada dia as máquinas estão mais à minha volta, convivo mais e mais com elas. Esse sentimento, de um mundo que muda, fez-me pensar que tinha necessidade e vontade de fazer este espectáculo.

De que trata realmente?

É justamente uma reflexão sobre a nova relação, no mundo actual, com as máquinas. Nestes espectáculos trabalhamos

Espectáculo

Grande Auditório, Centro Cultural de Belém
"Robot!", de Blanca Li

Preço Entre 20€ e 30€
Quando Dia 18, 1h00
Info leffest.com